

O IMPACTO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS MATERNAS E PATERNAS PARA A MANIFESTAÇÃO E MANUTENÇÃO DE PROBLEMAS INTERNALIZANTES NA INFÂNCIA.

Justificativa: Problemas de comportamento externalizantes, como agressividade e comportamento desafiador, têm recebido notada atenção de profissionais de saúde, sobretudo da psicologia, devido aos inúmeros encaminhamentos, sejam a partir de demandas familiares e/ou escolares. Comportamentos internalizantes, como ansiedade, depressão e retraimento são igualmente importantes porque a sua identificação e tratamento precoces podem evitar problemas emocionais futuros, comorbidades e dificuldades escolares. Como tais problemas são pouco notificados e costumeiramente perturbam menos os adultos que convivem com essas crianças, acabam sendo subdiagnosticados e consequentemente menos tratados do que os problemas externalizantes. Conforme a literatura, problemas de comportamento são multideterminados, havendo influência de fatores como a genética, o temperamento, as práticas educativas parentais, a saúde mental dos pais, as habilidades sociais, o relacionamento conjugal, dentre outras variáveis. Diante desse quadro esta Mesa Redonda propõe uma discussão acerca dos problemas internalizantes e possíveis variáveis preditivas, com destaque para as práticas educativas maternas e paternas. A professora Patrícia Alvarenga descreverá resultados de pesquisas sobre a interação mãe-criança, as práticas educativas e a saúde mental materna e seus efeitos sobre os problemas internalizantes. A professora Angela Helena Marin discutirá sobre as práticas educativas paternas e seu impacto sobre os problemas de internalização infantil. A professora Alessandra Turini Bolsoni-Silva apresentará estudos sobre internalização e práticas educativas, e também sobre outras variáveis preditivas como as habilidades sociais, a depressão materna e o relacionamento conjugal, além de descrever resultados de intervenções com mães de crianças com problemas internalizantes. As três professoras abordam a temática sobre diferentes perspectivas metodológicas e conceituais, o que permitirá ampla discussão sobre essa problemática.

DES - Psicologia do Desenvolvimento

PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO INTERNALIZANTES: O PAPEL DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS E DE OUTRAS VARIÁVEIS PREDITIVAS. *Alessandra*

Turini Bolsoni-Silva (Departamento de Psicologia – FC - Unesp, Bauru, SP), *Sônia Regina Loureiro* (Departamento de Neurologia, Psiquiatria e Psicologia – FMRP – USP, Ribeirão Preto, SP), *Edna Maria Marturano* (Departamento de Neurologia, Psiquiatria e Psicologia – FMRP – USP, Ribeirão Preto, SP)

Problemas de comportamento são multideterminados e dentre as variáveis preditoras de problemas estão práticas positivas, relacionamento conjugal, depressão materna, repertório de habilidades sociais infantis, sexo da criança e escolaridade. A literatura enfatiza o estudo de problemas externalizantes, havendo um limite importante quanto a problemas internalizantes. Nessa mesa, apresentam-se achados de estudos sobre internalização, com base na avaliação dos pais, considerando significância a 5%: (a) comparação de grupo clínico para internalização ($n = 37$) com um grupo não clínico ($n = 95$); (b) correlação de variáveis avaliadas; (c) descrição de efeitos de intervenção. Das variáveis mensuradas, discriminaram os grupos certas características das práticas parentais, relacionamento conjugal, depressão materna e repertório comportamental infantil. A escolaridade e o sexo da criança não discriminaram os grupos. Quanto às práticas educativas notou-se que as mães do grupo não clínico são mais hábeis em manter conversação, expressar sentimentos positivos e expressar sentimentos negativos de maneira habilidosa; por outro lado, as mães do grupo clínico usam, com maior diversidade e frequência, práticas negativas de educação. Quanto ao repertório comportamental infantil, as crianças do grupo não clínico são mais habilidosas quando as mães expressam sentimentos negativos (ouvindo e obedecendo), apresentam maior ocorrência de comportamentos valorizados pelas mães e também são habilidosas quando as mães fazem elogios e carinhos; elas também cumprimentam e tomam iniciativas com mais frequência que as crianças clínicas; em direção inversa, as crianças do grupo clínico apresentam mais comportamentos problemas, sobretudo quando as mães expressam opiniões. Com respeito ao relacionamento conjugal, as participantes do grupo clínico relataram com mais frequência que o esposo é ingrato, que procura impor opinião, que faz muitas coisas que não gostam e que expressam pouco carinho. As correlações entre variáveis no grupo clínico indicaram que relacionamento conjugal positivo foi correlacionado positivamente com frequência de habilidades sociais educativas e recursos do ambiente familiar; repertório de práticas positivas foi correlacionado com habilidades sociais infantis; práticas negativas correlacionaram positivamente com comportamentos problema e habilidades sociais infantis. Na análise de regressão multivariada, o modelo final incluiu categorias de práticas positivas e negativas e habilidades sociais infantis. Quanto aos efeitos de intervenção, observou-se inicialmente que no grupo de intervenção, as dificuldades encontradas nas medidas de linha de base e de pré-teste incluíam diversidade e/ou frequência de estratégias de práticas negativas, comportamentos problema e total negativo de interações, bem como frequência das práticas positivas de educação e habilidades sociais infantis. Após a intervenção, as crianças deixaram de ter problemas de internalização. Também houve redução para nível não clínico de práticas educativas negativas e comportamentos problema, bem como aumento da frequência de práticas educativas positivas e habilidades sociais infantis. Os efeitos foram mantidos após seis meses. Destaca-se que a maioria das crianças dessa amostra com problemas de internalização foram indicadas pelas professoras como não tendo problemas. Conclui-se que o impacto das práticas educativas, sobretudo as negativas, é maior que as demais variáveis avaliadas. Discute-se a importância da psicologia preventiva na identificação e no tratamento de crianças com problemas de internalização.



Parte integrante dos resumos de Comunicação Científica apresentados durante
a 43ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Aracaju, 2013.

ISSN 2176-5243

Apoio financeiro: FAPESP, CNPq

Palavras chave: problemas de comportamento internalizantes; práticas educativas;
relacionamento conjugal; habilidades sociais; treinamento de pais; psicologia preventiva

Doutorado - D

DES - Psicologia do Desenvolvimento

PRÁTICAS EDUCATIVAS PATERNAS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO INTERNALIZANTES DE CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR. *Angela Helena Marin* (Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo - RS), *Cesar Augusto Piccinini* (Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre - RS) e *Jonathan Henry Richard Tudge* (Department of Human Development and Family Studies - The University of North Carolina at Greensboro, Greensboro - USA)

As mães ainda têm sido apontadas como (as) principais responsáveis pelas atividades relativas ao cuidado dos filhos, bem como mais envolvidas emocionalmente com a parentalidade, o que acaba lhes conferindo um papel primordial frente à socialização infantil. Contudo, tem havido um movimento em direção às transformações do papel paterno e os pais têm participando mais ativamente do processo de educação dos filhos. Nesse sentido, faz-se importante investigar o pai e as práticas educativas que faz uso, além da relação destas com os problemas de comportamento infantil, considerando que a questão de gênero pode ter um relevante impacto nesses comportamentos. Mais especificamente, o presente estudo discute as relações entre as práticas educativas e os problemas internalizantes, apresentando resultados de um estudo que examinou as práticas educativas indutivas, coercitivas e de não interferência paternas e sua relação com os problemas de comportamento internalizantes de crianças aos seis anos de idade. Tal investigação se justifica porque, além da manifestação de problemas de comportamento estar associada às práticas educativas parentais, em especial, as práticas coercitivas, os problemas internalizantes tendem a ser menos estudados, provavelmente porque os externalizantes costumam ganhar maior visibilidade por serem considerados menos adequados socialmente. Participaram do presente estudo 33 pais cujo primogênito tinha seis anos de idade, os quais responderam a uma entrevista estruturada sobre práticas educativas, envolvendo seis situações cotidianas propícias à ocorrência de tais práticas, e ao Sistema de Avaliação das Competências Sociais, que também avalia problemas de comportamento. Apenas foram encontradas associações positivas entre as práticas coercitivas paternas com os comportamentos internalizantes da criança ($r=0.38$; $p<0,05$). Esse resultado corrobora dados da literatura que afirmam que os pais tendem a restringir e/ou incentivar a autonomia das crianças por meio de técnicas coercitivas, o que pode torna-los mais intrusivos, assinalando o que deve e não deve ser feito, mesmo em situações em que seus filhos deveriam ser capazes de agir de forma independente. Assim, ao controlarem ou rejeitarem o comportamento da criança usando a imposição de poder, proibições, estratégias punitivas, com vistas à obediência absoluta, eles podem suscitar sentimentos de ansiedade, medo e frustração. Tais sentimentos podem levar a diminuição da autoestima e, conseqüentemente, ao desenvolvimento de quadros clínicos na infância, como depressão, isolamento social, entre outros, que estão relacionados ao desenvolvimento de problemas internalizantes. Todavia, ressalta-se que é importante reconhecer a complexidade da relação entre as práticas educativas dos pais e os problemas de comportamento infantil, uma vez que dificuldades da própria criança ou mesmo a influência de outros fatores (eventos estressantes, fragilidade da rede de apoio) podem mediar ou moderar o impacto das condutas paternas.

Palavras chave: Práticas educativas paternas; problemas de comportamento internalizantes; pré-escolares.

Pesquisador - P

DES - Psicologia do Desenvolvimento

RELAÇÕES ENTRE PROBLEMAS INTERNALIZANTES, SAÚDE MENTAL MATERNA E INTERAÇÃO MÃE-CRIANÇA: ACHADOS DE ESTUDOS COM DÍADES BAIANAS. *Patrícia Alvarenga, Taiane Lins, João Marcos de Oliveira (Programa de Pós-graduação em Psicologia - Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador - BA), Maria Ángeles Cerezo (Departamento de Psicología Básica - Universidad de Valencia – UV, Valencia – España)*

O estudo sistemático de problemas emocionais, tais como ansiedade, depressão e queixas somáticas, nos primeiros anos da infância, é relativamente recente na literatura internacional, e pesquisas brasileiras sobre essa temática são escassas. O conceito de problemas internalizantes, que operacionaliza uma série de queixas de natureza predominantemente emocional em diferentes agrupamentos de sintomas, permite a investigação desse tipo de problema em crianças pequenas, a partir do relato dos pais. Os estudos internacionais que adotam essa abordagem teórico-metodológica têm apontado, dentre outros fatores, para a importância de aspectos ligados à saúde mental dos pais e às relações familiares para o desenvolvimento de problemas emocionais no período pré-escolar. Este trabalho apresenta e discute os achados de três estudos realizados com díades mãe-criança de Salvador/BA, que visaram a investigar as relações entre a depressão materna, as práticas educativas maternas, os padrões de interação mãe-criança e os problemas internalizantes infantis. O primeiro estudo comparou os padrões de interação de díades com mães deprimidas ($n=8$), com aqueles observados em díades com mães não deprimidas ($n=9$), aos oito e aos 18 meses de vida da criança, examinando também os problemas internalizantes das crianças nos dois grupos, aos 36 meses. Aos oito meses as mães deprimidas responderam com mais afeto positivo quando os bebês se mostravam passivos, enquanto as mães não deprimidas responderam mais frequentemente com afeto neutro à passividade dos seus bebês. Aos 18 meses as mães deprimidas foram mais intrusivas e protetoras quando os bebês apresentaram comportamento difícil, do que as mães não deprimidas. Aos 36 meses, os filhos das mães deprimidas apresentaram maiores escores de ansiedade/depressão, de estresse e de problemas afetivos. O segundo estudo, de delineamento correlacional, investigou uma amostra de 25 díades mãe-criança, que incluiu também as díades do estudo anterior, e examinou as relações entre a depressão materna e os problemas internalizantes infantis aos 36 meses. Foram comparadas 17 díades cujas mães apresentavam indicadores de depressão e oito díades cujas mães não apresentavam indicadores de depressão. Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos na escala de problemas internalizantes, e mais especificamente na síndrome reatividade emocional, ambas com maiores escores nos filhos de mães com indicadores de depressão. O terceiro estudo examinou as relações entre as práticas de controle crítico, superproteção, e suporte apropriado, e os problemas internalizantes de crianças entre 36 e 71 meses de vida. O escore total de problemas internalizantes não foi predito pelas práticas educativas maternas investigadas. Porém, foram verificadas correlações significativas e positivas, embora de fraca intensidade, entre as síndromes ansiedade/depressão e retraimento, que compõem o agrupamento de problemas internalizantes, e o controle crítico. Em conjunto, esses achados apontam para o impacto de diferentes dimensões da relação mãe-criança sobre distintos componentes do agrupamento de problemas internalizantes. Ao mesmo tempo, os resultados sinalizam possíveis contribuições de outras variáveis, como a genética e o temperamento infantil, para a compreensão dos mecanismos através dos quais a saúde

mental e o comportamento materno podem contribuir para o desenvolvimento dos problemas emocionais em crianças pequenas.

Apoio financeiro: FAPESB e CNPq

Palavras chave: depressão materna; práticas educativas maternas; interação mãe-criança; problemas internalizantes.

Pesquisador - P

DES - Psicologia do Desenvolvimento